

Rebelo, Fernanda

Da teoria da degeneração de Morel à classificação das doenças mentais de Kraepelin
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 20, núm. 4, octubre-diciembre, 2013, pp. 1756-1760
Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138080019>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Da teoria da degeneração de Morel à classificação das doenças mentais de Kraepelin

*From Morel's degeneration theory to
Kraepelin's classification of mental illness*

Fernanda Rebelo

Professora do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde/Universidade Federal da Bahia.

feferebelo@yahoo.com.br



CAPONI, Sandra. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012. 210p.

Pensar todos os conflitos e dificuldades em termos médicos é a tendência nas sociedades modernas que vem sendo reforçada pela psiquiatria. Em *loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*, Sandra Caponi, filósofa com vasta experiência no campo da epistemologia e história das ciências da saúde, mostra como a recente multiplicação dos diagnósticos de depressão, transtornos de ansiedade ou de *deficit* de atenção e hiperatividade (TDH), com a promessa da melhora dos sintomas por meio da terapêutica com psicofármacos, faz parte de um conjunto de premissas articuladas historicamente. É a partir dessa tendência contemporânea, que naturaliza, considera evidente e eficaz o uso de medicamentos para dar conta de problemas do cotidiano, que a autora traça sua linha de reflexão.

Sandra Caponi toma como ponto de partida os cursos ministrados por Michel Foucault (2000a), no Collège de France, em 1975 e 1976. Foi nesses cursos que Foucault se propôs a analisar como um dispositivo

de poder pode ser produtor de certo número de enunciados e de discursos, assim como de modos de representação. Diferente de sua fase anterior, conhecida como arqueológica, de 1961 a 1969¹, quando o autor se dedicou às questões da produção de saber, do encerramento asilar e da violência, a partir de 1974 sua preocupação estava em compreender de que modo se estabelecem e circulam as relações de poder dentro desse campo médico que é a psiquiatria. Nessa segunda fase de cursos, publicados como livro na França, em 2003, sob o título *O poder psiquiátrico*, Foucault (2006b) trata da questão dos 'poderes', preocupação própria de seus estudos genealógicos.²

Assim, *Loucos e degenerados* possui uma clara proposta de, a partir da história da psiquiatria, pensar de outro modo as questões ligadas à medicalização na sociedade contemporânea. O objetivo está em analisar em que momento, em razão de quais estratégias teórico-

epistemológicas e de quais práticas, a psiquiatria transformou-se no espaço de saber privilegiado para garantir a “defesa da sociedade”³ de qualquer fator que pudesse representar uma ameaça à ordem, como o crime e a loucura. Ou seja, o momento em que a psiquiatria agrupa um tal nível de poder, que passa a transformar-se em uma estratégia de biopolítica das populações.

Loucos e degenerados mostra como a preocupação médico-jurídica com pequenos desvios de conduta, debilidades de caráter e vícios tem seu marco histórico alinhado à teoria da degeneração. E foi essa teoria que permitiu o surgimento do que a autora, como Foucault (2001), chama de psiquiatria ampliada, o alargamento das fronteiras dessa especialidade médica, que passa a integrar a seu rol de intervenções não só os objetos da psiquiatria clássica, de Pinel e Esquirol, mas também as pequenas alterações de comportamento cotidiano.

O recuo histórico nos leva até a segunda metade do século XIX, mais precisamente, 1857, ano de publicação do *Traité de dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladiques*, de Benedict August Morel. Segundo a autora, é nesse tratado que se dá início ao processo de ampliação da psiquiatria. A teoria da degeneração de Morel teria criado “um marco explicativo para as doenças mentais no interior do qual desaparecem as barreiras taxativas entre o delírio e as anomalias ou degenerações menores, definidas como desvios físicos ou morais do tipo originário” (p.17).

Para Georges Canguilhem (1991), a tarefa própria da história das ciências é o estudo das ‘filiações conceituais’. É essa complexidade de filiações que nos permite transitar entre diferentes espaços de saber. Para analisar como surgiu a psiquiatria ampliada, capaz de antecipar e prevenir os desvios de conduta dos indivíduos desde sua infância, Sandra Caponi precisou analisar a emergência, os usos e as transformações sofridas pelo conceito de degeneração no âmbito do discurso psiquiátrico, passando por diversos momentos históricos. O privilégio dado à história dos conceitos vincula-a ao modo de compreensão da história da ciência, inaugurado por Canguilhem. Segundo a autora, esse privilégio concedido à história conceitual se deve a duas razões: a primeira delas é que a análise dos conceitos nos permite compreender a historicidade e a transformação das teorias científicas; a segunda vem do fato de que os conceitos não conhecem fronteiras epistemológicas (p.173). De forma que o conceito de degeneração não é eminentemente biológico e nem social, encontra-se na fronteira dos estudos clínicos, da estatística, da anatomia cerebral e das ciências sociais.

A história do conceito de degeneração começa a ser traçada no primeiro capítulo, em que a autora aborda o ‘tratamento moral’, proposto por Philipe Pinel em 1801 e suas diferenças em relação à teoria da degeneração de Benedict Morel. Pinel se negava a reduzir as alienações mentais a explicações materialistas. A conhecida imagem, quase mítica, de Pinel libertando os loucos de suas correntes, simboliza o humanismo moderno. A teoria da degeneração de Morel é herdeira dos estudos de Jean Pierre George Cabanis, que em seu *Rapports du physique et du moral de l'homme*, publicado em 1802, persegue o objetivo de fundamentar em bases científicas e não metafísicas a ciência do homem. Para ele, existiria uma indissolúvel articulação entre o físico e o moral, possibilitada pelas funções do cérebro. É justamente em *Rapports du physique* que Sandra Caponi busca as ferramentas que nos auxiliarão durante sua narrativa a compreender como o conceito de degeneração se integra ao saber médico.

No segundo capítulo, a autora mostra de que modo Cabanis integra o conceito de degeneração, originário da história natural, em particular das teorias climáticas de Buffon, ao campo da medicina, vinculando esse conceito às promessas da anatomo-patologia de encontrar explicações em lesões no cérebro para os sofrimentos mentais.

O terceiro capítulo mostra como a teoria da degeneração de Morel cria um marco explicativo para as doenças mentais, oferecendo aos alienistas um fundamento organicista que se refere às lesões cerebrais e à predisposição hereditária. E é nesse momento que ocorre a possibilidade de estender os domínios da psiquiatria para além das fronteiras dos asilos. A aplicação da teoria da degeneração às doenças mentais teria sido a estratégia discursiva que permitiu aos mais variados fatores e condutas ingressar no campo da psiquiatria. O que Foucault (2001) chamou de medicina do não patológico, ou seja, aquela que não pretende somente curar, mas antecipar e prevenir condutas indesejáveis, como a homossexualidade, o alcoolismo e os vícios.

O quarto capítulo trata dos desdobramentos da teoria da degeneração de Morel nos trabalhos de Magnan e seus discípulos em 1893. A partir de pesquisa nos *Anais de Higiene e Medicina Legal* e nos *Anais Médico-Psicológicos*, a autora demonstra a permanência do discurso da herança mórbida e da degeneração no campo médico-científico francês, em especial na medicina mental, até a segunda década do século XX.

A teoria da degeneração, particularmente influente na França da metade do século XIX ao início do XX, terá impacto na psiquiatria mundial. Um dos exemplos trabalhados pela autora é o texto, de 1908, do psiquiatra alemão Emil Kraepelin, denominado “Sobre a questão da degeneração”. A leitura das obras de Kraepelin, feita por Caponi, nos permite compreender, no quinto capítulo, como o conceito de degeneração reaparece no início da psiquiatria contemporânea. E como se articulam, teórica e conceitualmente, a teoria da degeneração de Morel e a classificação das doenças mentais de Kraepelin.

Grande parte da psiquiatria contemporânea se reconhece e se identifica como ‘neokraepeliniana’. É no capítulo sexto, ponto alto da obra, que são analisadas as continuidades e rupturas entre a ampliação de síndromes, proporcionada pela teoria da degeneração da segunda metade do século XIX, e a atual multiplicação de diagnósticos psiquiátricos, representada pelas sucessivas edições do *Manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais* (DSM).

O livro traz ainda, como um recurso retórico, um *post-scriptum* que, como a autora explica, não aborda de maneira direta a problemática da degeneração, mas discute uma “encruzilhada teórico-conceitual que parece definir a psiquiatria atual” (p.18). Caponi traz as reflexões de Canguilhem (1993) sobre normalidade e patologia para problematizar o limitado espaço que certos saberes médicos dedicam à compreensão de sofrimentos individuais. A biomedicina contemporânea empenha-se em medir, quantificar, localizar lesões que expliquem desvios de conduta, estados de angústia, ansiedade, pânico ou depressão.

A partir do texto de Canguilhem “O cérebro e o pensamento”, de 1993, a autora revisa os pressupostos epistemológicos e éticos que fundamentam a teoria da degeneração e as atuais estratégias da psiquiatria para localizar no cérebro funções morais, abrindo assim uma ‘reflexão crítica sobre os axiomas e princípios’ das novas ciências do cérebro.

Essa obra possui um devir, uma clara dimensão ética, de pensar a história como uma ferramenta para nos auxiliar a refletir de outro modo sobre o nosso presente. E quem sabe apontar para um futuro, no qual poderemos lidar melhor com a compreensão dos sofrimentos individuais, em especial no âmbito da biomedicina.

No entanto, neste futuro poderemos também ser colocados, todos, dentro do hospício, como fez o personagem de Machado de Assis, o alienista Simão Bacamarte, em obra publicada em 1882. Aliás, mais uma escolha certeira da autora, é Machado de Assis quem dá o tom da crítica ao assunto que será discutido em cada capítulo, com pequenas epígrafes ditas por seu alienista. Isso ratifica uma vez mais a forte influência que a teoria da degeneração e a classificação de Kraepelin tiveram e têm na psiquiatria mundial, incluído o Brasil da Primeira República, como mostraram Venancio e Russo (2010).

Portanto, trata-se de uma obra que merece ser consultada por pesquisadores do campo da história das ciências, da epistemologia e filosofia da ciência, mas também torna-se importante em especial para quem lida no dia a dia, no campo da saúde, e da saúde pública em especial, com a epidemia dos sofrimentos cotidianos medicalizados, como depressão, ansiedade, angústia, fracasso, excesso de felicidade ou de tristeza.

Termino com uma passagem de *O alienista*, de Machado de Assis, que introduz também a conclusão do livro de Caponi (p.173): “Nada tenho que ver com a ciência; mas, se tantos homens em que supomos juízo são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” Um exemplo do século XIX para se pensar sobre a saúde mental dos próximos séculos.

NOTAS

¹ Entre as principais obras do período arqueológico estão: *História da loucura na idade clássica* ([1961] 1978); *O nascimento da clínica* ([1963] 2006a); *A arqueologia do saber* ([1969] 1987).

² As principais obras da fase genealógica de Foucault são: *Vigiar e punir* ([1975] 2000b) e *História da sexualidade*, 1: a vontade de saber ([1976] 1985).

³ Título do curso dado por Michel Foucault (2000a) no Collège de France, entre 1975 e 1976.

REFERÊNCIAS

- CANGUILHEM, Georges. Le cerveau et la pensée. In: Collège international de philosophie. *Georges Canguilhem: philosophe, historien des sciences*. Paris: Albin Michel. p.11-33. 1993.
- CANGUILHEM, Georges. O objeto da história das ciências. In: Carrilho, Manuel Maria (Org.) *Epistemologia: posições e críticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1991.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006a.
- FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes. 2006b.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes. 2000a.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes. 2000b.

FOUCAULT, Michel.

História da loucura na idade clássica. São Paulo:
Perspectiva. 1978.

VENANCIO, Ana Teresa A., Russo, Jane.

Classificando diferenças: as categorias demência precoce e esquizofrenia por psiquiatras brasileiros na década de 1920. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, p.327-324. 2010.

